

FILINTO DE ALMEIDA: UMA PROPOSTA DE BIOGRAFIA INTELECTUAL

Talia Gabrieli Fianco

Universidade Federal da Fronteira Sul
taliagfianco@gmail.com

Ricardo Machado

Universidade Federal da Fronteira Sul
ricardomachado1982@gmail.com

Eixo 7: Ciências Humanas

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a trajetória intelectual de Filinto de Almeida na passagem do Império para a República. Para analisar a articulação entre a produção literária, jornalística e política do poeta e dramaturgo, pretende-se fazer uso de documentos como jornais e revistas nas quais colaborou no Brasil e em Portugal, bem como projetos e decretos da Assembleia Legislativa de São Paulo, onde exerceu mandato como deputado. O desafio da investigação proposta parte de uma perspectiva mais integradora dos fenômenos sociais e culturais e que por isso demanda um leque disciplinar de intersecções múltiplas, que encontra amparo metodológico nos estudos literários, que passam pela biografia e a linguagem, e dos estudos culturais, que envolvem elementos sociológicos, políticos e intelectuais. Os resultados preliminares desta pesquisa indicam que Filinto de Almeida se movimentava em uma vasta rede intelectual que conectava continentes e conhecia o repertório de ideias disponíveis. A partir destas ideias, o grupo de intelectuais planejava e executava manobras em prol de um projeto de nação moderno e republicano.

Palavras-chave: Trajetória Intelectual. Nação. República.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a trajetória intelectual de Filinto de Almeida (1847-1945) na passagem do Império para a República. Para analisar a articulação entre a produção literária, jornalística e política deste poeta e dramaturgo, pretende-se fazer uso de jornais e revistas nas quais colaborou tanto no Brasil quanto no seu país de origem, Portugal, bem como das transcrições de projetos e decretos da Assembleia Legislativa de São Paulo, onde ocupou o cargo de deputado entre os anos 1892 e 1897. Casado com a romancista Júlia Lopes de Almeida e fundador da cadeira número 3 da Academia Brasileira de Letras

(ABL), Filinto de Almeida tinha participação ativa na sociedade intelectual do período, especialmente no Rio de Janeiro, cidade onde residiu na maior parte de sua vida.

Apesar de manter uma presença constante na imprensa das décadas finais do século XIX e do início do século XX, e de estar próximo dos debates sobre os projetos políticos de Brasil, chama atenção o fato de que o nome de Filinto de Almeida não se faz presente nos resultados de pesquisas acadêmicas relacionadas a sua figura. As menções a este intelectual reduzem-se geralmente às notas de rodapé dos trabalhos relacionados à Júlia Lopes de Almeida, como por exemplo os elaborados por Michele Asmar Fanini (2013; 2018)), ou até mesmo à definição de “marido da Júlia Lopes de Almeida”, como no artigo de Clóvis Carvalho Brito (2018). Além disso, nota-se que outros letrados da mesma rede da qual Filinto fazia parte, como Machado de Assis, Olavo Bilac e José do Patrocínio, tiveram suas trajetórias investigadas por um amplo conjunto de trabalhos, enquanto o poeta parece ter ficado à margem destas análises.

Nesse sentido, esta pesquisa justifica-se na necessidade de pensar as margens como uma categoria dos estudos de movimentos intelectuais, na perspectiva discutida por Ricardo Machado (2021). O pesquisador destaca tanto a discussão sobre a trajetória dos intelectuais enquanto categoria e enquanto uma história de um deslocamento, quanto o “[...]pensar sobre a trajetória daqueles que mesmo sendo reconhecidos como intelectuais, artistas, escritores, mas que pela sua condição à margem já viveram essa experiência de não-lugar.” (Machado, 2021, p. 109). Acredita-se que seja esta a situação envolvendo o nome de Filinto de Almeida.

MATERIAIS E MÉTODOS

O produto intelectual das atividades de Filinto de Almeida será analisado em edições de jornais nos quais colaborou ou foi responsável pela direção e administração no Brasil, como O Besouro - RJ (1878-1879), A America - RJ (1879-1880), O Combate - RJ (1880-1882), Província de São Paulo (1875-1889), A Semana (1885-1895), e em Portugal, como Serões (1901-1911) e Branco e Negro (1896-1898). Além destes, a edição da Revista Brasileira publicada pela ABL no ano da morte de Filinto de Almeida, 1945, e o conjunto de entrevistas produzidas por João do Rio no Momento Literário em 1905 também compõem o conjunto de documentos disponíveis para esta pesquisa. O trabalho da especialista em análise de discurso e crítica cultural, Leonor Arfuch permite reconhecer na biografia e nos estudos literários os caminhos metodológicos que fornecem a possibilidade de execução da proposta

aqui apresentada. Contudo, nem mesmo estes percursos garantem que o resultado almejado na proposta de uma trajetória intelectual não passe por confrontações, uma vez que, como ressalta a professora, corre-se sempre o risco de tomar “[...]essa percepção da vida e da identidade, de nós mesmos e dos outros, como uma unidade apreensível e transmissível, um fio que vai se desenvolvendo numa direção, *a ilusão biográfica*.” (Arfuch, 2010, pp. 254-255, grifo no original).

A ilusão biográfica mencionada pela autora refere-se ao termo cunhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, quando critica o modo como o relato biográfico ancora-se no pressuposto “de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (Bourdieu, 1996, p. 184). Os tensionamentos provocados pelo sociólogo e os desdobramentos de seus apontamentos são discutidos também pelo professor Alexandre de Sá Avelar (2010), que conclui que as pesquisas biográficas, quando atreladas ao passado “[...]evitam a formulação de paisagens monolíticas, mostrando, ao contrário, que se as condições de desigualdade entre os indivíduos limitam o campo de possibilidades e de escolhas, sempre deixam margens de manobra” (2010, p.170). Para compreender estas manobras e conexões, também cabe manter-se próximo da noção de “campo literário” de Bourdieu. Ao conceitualizar tal termo, também estendido a outras áreas do conhecimento, o sociólogo define como uma “rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições” (Bourdieu, 1996, p. 262). Desse modo, entende-se que cada indivíduo ocupa uma posição que varia tanto com sua situação atual quanto potencial.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na descrição produzida por Raul Machado, “Filinto de Almeida era, antes de tudo, um místico da Inteligência, um acendedor de velas votivas ao santuário da Beleza e da Idéia” (1954, p. 13). Nascido no mesmo período de fortalecimento da ação da imprensa na esfera pública e política, circulando entre a Europa e a América, o escritor se movimentava nesta vasta rede intelectual que conectava os continentes e conhecia o repertório de ideias disponíveis. Um trecho publicado em *A America* é exemplo de seu conhecimento da força das palavras impressas.

Diante das muitas necessidades, cuja satisfação o bem social reclama, dos impulsos e aspirações elevadas da nova geração, das palpitações fortes do amor do progresso que implica o aperfeiçoamento moral e intelectual dos povos, força é que á effervescencia destas justas ambições que revelam e emanão de vivos sentimentos patrioticos, se dê toda a expansão, fazendo-a manifestar-se à luz publica e pugnar pelo bem commum: eis o que dá origem a criação da America. [...] franquêa, pois, as suas columnas a todas as intelligencias e a todas as ideias progressivas e humanitarias. (A AMERICA, 1879, p. 1)

As aspirações da geração da década de 1870, citadas por Filinto, são tema do trabalho de Angela Alonso, que discute as ideias movimentadas por estes pensadores na crise do Brasil Império. A cientista política realiza sua abordagem tensionando o conceito de “movimento”, afirmando que nesse contexto, o Brasil não contava com um grupo social cuja atividade exclusiva fosse a produção intelectual e que os grupos “tanto se identificavam por termos doutrinários quanto por posicionamentos políticos” (Alonso, 2002, p. 30). Para avaliar a relação dos intelectuais no Brasil com os contemporâneos europeus, a autora faz uso da categoria de “repertório”, na qual estariam presentes não só formas de pensar, como também formas de agir. Para a autora, “Um repertório é o conjunto de recursos intelectuais disponível numa dada sociedade em certo tempo. É composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas” (Alonso, 2002, p. 39).

A partir dessa definição, ela afirma que o repertório político-intelectual europeu era um recurso à disposição dos agentes brasileiros na luta política e que em virtude disso a redução dessa complexidade a um simples espelhamento ou cópia do que acontecia do outro lado do Atlântico precisa ser questionada. As ideias não eram importadas para o Brasil, elas estavam disponíveis para serem mobilizadas de acordo com o interesse de cada sujeito. É possível sugerir uma semelhança entre o projeto de nação presente nos documentos analisados para este projeto de pesquisa com o elaborado pelos intelectuais do grupo dos Federalistas Científicos, investigados por Angela Alonso.

Ideias de diferentes projetos de nação aparecem em diversos momentos e lugares de atuação de Filinto de Almeida. Cabe neste ponto a ressalva feita por Angela de Castro Gomes quando afirma que “as ideias não circulam elas mesmas pelas ruas; elas estão sendo portadas por homens que fazem parte de grupos sociais organizados” (Gomes, 1993, p. 63). A expectativa de Brasil disputada neste ambiente intelectual recebia luzes das experiências de outros países, projetando a república como utopia e a educação para liberdade como meio. A

costura elaborada por Filinto de Almeida ao selecionar seus espaços de atuação e diferentes estilos de linguagem tinha o objetivo não de informar, mas de formar, educar o leitor dentro do seu projeto nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação de biografias intelectuais permite identificar concepções de ação e defesa de projetos de nação ainda pouco explorados. Figuras que encontravam-se à margem do cânone também estavam associadas a grupos que faziam as ideias, tanto radicais quanto conservadoras, circularem pelos espaços. Assim, muito do caminho para a compreensão dos projetos de nação elaborados para o Brasil ainda precisa ser percorrido, sendo esta pesquisa um pequeno movimento nessa direção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, por acolher e possibilitar a execução desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- A AMÉRICA:** revista quinzenal. Rio de Janeiro: 1879-1880. Acervo digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em:<
<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=307696&pagfis=1>>.
- ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento:** A geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico:** Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Revista de História** (UFES), v. 24, p. 157-172, 2010.
- BRITO, Clóvis Carvalho. Sob os véus de Thalia e Melpômene: Júlia Lopes de Almeida em cena. **Cadernos Pagu**, n. 52, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.
- FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. **Cadernos Pagu**, n. 41, p. 159-199, julho/dezembro de 2013.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em cena: notas sobre seu arquivo pessoal e seu teatro inédito. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 71, p. 95-114, dezembro de 2018.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... Intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. vol.6, n. 11, 1993, p. 62-77.

MACHADO, Raul. Filinto de Almeida. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 13, jun./1945. pp. 11-21.

MACHADO, Ricardo. Por uma História Intelectual à margem. **Gavagai**, Erechim, v. 8, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 2021.